

# Estratégia de Sarney é isolar os extremos

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Apesar de não terem tomado o café da manhã juntos, ontem, como chegou a ser anunciado, Ulysses Guimarães e José Sarney estão mais do que acertados. Está sendo através do deputado paulista que o presidente participa das discussões e entendimentos referentes ao novo anteprojeto de Constituição, paralelo ao texto da Comissão de Sistematização, unanimemente condenado nas lideranças partidárias. Como presidente da República e como cidadão, Sarney não abre mão de atuar, sem que isso represente ingerência ou intromissão do Poder Executivo nos trabalhos constituintes. Pela experiência política de décadas, assim como pela visão singular do País, de seus problemas e de suas dificuldades, obtida do Palácio do Planalto, cabe ao chefe do governo alertar, sugerir e, mais do que tudo, servir de árbitro.

Eles têm conversado com frequência, pessoalmente e pelo telefone, quase sempre sobre o tema Constituinte. Sarney concorda com Ulysses em que o texto da Comissão de Sistematização é inexecutável e já deu seu apoio à formação do grupo interpartidário que elabora um anteprojeto alternativo, a ser oferecido ao relator Bernardo Cabral. Também acha excelente que outro grupo de deputados e senadores dos principais partidos se empenhe em detectar e colher as opiniões gerais sobre pontos nitidamente polêmicos, como o sistema de governo, a ordem social e a reforma agrária.

Pelo jeito, em menos de dez dias, as forças políticas tomaram juízo e conscientizaram-se da importância de um trabalho conjunto e imediato, capaz de chegar a uma Constituição acorde com os anseios e necessidades nacionais. Sarney estimulou o quanto pôde essa solução, possibilitada pelo deputado Ulysses Guimarães e o senador Marco Maciel, presidente do PFL. Sob esse aspecto, recompõe-se a Aliança Democrática. É claro que, diante da corrida por cargos e funções federais e nos planos estaduais, as seqüelas permanecem. Encontrado um ponto de união, porém, torna-se mais fácil conversar sobre os outros. Tanto no PFL como, em especial, no PMDB existem grupos infensos a qualquer acordo, inclusive o constituinte. Permanecem intransigentes os setores peemedebistas mais extremados na defesa do parlamentarismo ou do sistema misto de governo, de uma ordem econômica estatal e, no plano social, das 40 horas semanais e da estabilidade no emprego. O problema, ou a solução, no caso, é que pelo debate e a troca de idéias esses grupos serão obrigados a revelar-se e a optar em definitivo, reduzindo-se, por isso, à sua expressão mais simples. São minoritários, como minoritários também são os segmentos infensos a quaisquer reformas ou avanços sociais e econômicos. A estratégia do

governo e das direções do PMDB e do PFL, assim, parece a de isolar os extremos, dentro e fora de suas legendas. Chegando-se a um novo leito de Constituição, que o relator Bernardo Cabral irá durilar e aperfeiçoar, ter-se-á chegado a alguma coisa concreta, capaz de levar a maioria das bancadas liberais e do PMDB a votar em uníssono.

Esse entendimento poderá gerar frutos? Poderá, é a conclusão a que vão chegando José Sarney e Ulysses Guimarães, ainda que sem particularizá-los. Jamais falaram de sucessão presidencial, tema que ficará para bem mais tarde. Por enquanto, basta deixar a janela aberta, propícia aos ventos que ainda virão. Espere-se, no caso, que venham para arejar a sala, não para jogar papéis no chão e sujar tudo de poeira.

O presidente da República e o presidente da Assembleia Nacional Constituinte e do PMDB também têm conversado sobre os pontos de atrito e as dificuldades de relacionamento entre o partido e o governo. A questão da volta ao FMI é apresentada por Ulysses como delicada, mas suscetível de um final feliz. Até setembro o Plano Bresser poderá consolidar-se e levar a maioria das bancadas a aceitar a fórmula oficial. Apesar disso, parlamentares peemedebistas que estiveram nos Estados Unidos ao mesmo tempo em que o ministro da Fazenda querem uma oportunidade para explicar a Sarney que o reatamento de relações do Brasil com o FMI é desnecessário. Pimenta da Veiga, Hélio Dutra e Fernando Gasparian deverão, primeiro, conversar com Bresser Pereira. Depois, se for o caso, poderão ser recebidos pelo presidente.

Ulysses manifesta-se frontalmente contra a formação de um grupo suprapartidário capaz de dialogar diretamente com o Palácio do Planalto. Para questões específicas, como a redação de um novo anteprojeto constitucional, tudo bem. A integração é necessária. Mas para o quer e vier, ou seja, sem pauta específica, esse grupo tumultuaria o já tumultuado ambiente político. Comportar-se-ia como um novo partido político. Sarney se tem calado, mais do que concordado, a esse respeito. Houve um momento, logo após a realização da convenção nacional do PMDB, em que pareceu inclinar-se pela idéia, sugerida pelo seu líder na Constituinte, Carlos Sant'Anna. No entanto, se o processo pode desenvolver-se através dos partidos e da Aliança Democrática, não moverá seus cordéis naquele sentido.

Apesar de escaramuças e de certas desconfianças mútuas, Sarney e Ulysses sabem estar a sorte de um ligada ao sucesso do outro. Sem o parlamentar paulista evitando a implosão do PMDB, o governo entraria em zona de turbulência permanente, mas, com o governo estimulando a divisão no PMDB, Ulysses veria escapar boa parte das possibilidades de chegar ao Palácio do Planalto com a próxima sucessão. C.C.